

# A possibilidade da Comunicação: articulações entre Bergson e Bachelard na Nova Teoria da Comunicação<sup>1</sup>

## *The possibility of Communication: articulations between Bergson and Bachelard in the New Theory of Communication*

### Vanessa Matos dos Santos<sup>2</sup>

Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e em Meios e Processos Audiovisuais pela Universidade de São Paulo. Docente da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação (PPGCE).

### Resumo

Ciro Marcondes Filho (\*1948-†2020) levou a cabo o empreendimento de compreender a Comunicação em sua maioridade, como Ciência, e lançou as bases da Nova Teoria da Comunicação (NTC), que, por sua vez, assenta-se na epistemologia metapórica. Assumindo a comunicação como fenômeno raro, que é impossível de ser capturado por métodos científicos tradicionais, o metáporo – procedimento de pesquisa da NTC – liberta o pesquisador para vivenciar aquilo que não é um fenômeno de racionalização, mas de intuição, de apreensão sensível; Acontecimento comunicacional. Apresentam-se, neste artigo, dois princípios filosóficos nos quais se assenta a epistemologia metapórica, quais sejam, a duração em Bergson e o instante em Bachelard, para, na sequência, explicitarmos de que forma se dá a articulação entre eles no escopo da NTC.

**Palavras-chave:** Nova Teoria da Comunicação, metáporo, intuição.

### Abstract

Ciro Marcondes Filho (\*1948-†2020) carried out the enterprise of understanding Communication in its coming of age, as Science, and laid the foundations of the New Theory of Communication (NTC), which, in turn, is based on metaphoric epistemology. Viewing communication as a rare phenomenon, which is impossible to be captured by traditional scientific methods, the metapor – NTC’s research procedure – frees the researcher to experience what is not a phenomenon of rationalization, but of intuition, of sensitive apprehension; communicational event. This article presents two philosophical principles on which metaphoric epistemology is based, namely duration in Bergson and the instant in Bachelard, so that we can then explain how the articulation between them takes place within the scope of the NTC.

**Keywords:** New Theory of Communication, metapor, intuition.

## 1. Introdução

Comunicação é um conceito característico do século XX. Com essa afirmação, Peters (2012) identifica o que

1 O presente artigo é parte da pesquisa de pós-doutorado desenvolvida pela autora sob supervisão do Prof. Dr. Ciro Marcondes Filho entre 2018 e 2019 na Universidade de São Paulo e intitulada “Rastros e Vestígios: Perseguindo a Investigação Metapórica”.

2 Docente da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1041-367X> – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2601633916210576>. E-mail: [vanessamatos@ufu.br](mailto:vanessamatos@ufu.br)

seria a ideia de comunicação ao longo da História. De acordo com o autor, a concepção clássica que invoca o termo como sinônimo de comunhão ou diálogo precisa ser revista por se relacionar mais a um ideal do que a algo que se coloca na atualidade. Em sua busca pelas bases modernas do que se convencionou chamar de Comunicação, Peters (2012), assim como Marcondes Filho (2010), parte do princípio de que “o termo evoca uma utopia onde nada é mal compreendido, os corações estão abertos e a expressão é desinibida”. Tal compreensão se encontra enraizada no termo *communicare*,

do latim, que, de fato, significa dividir, tornar comum, fazer parte. O termo é introduzido na língua inglesa nos séculos XIV e XV, e sua raiz passa a ser *munus* (que dará origem ao termo “comunidade”, por exemplo). *Munus* tem a ver, portanto, com eventos públicos ou exposições livres para todos (Peters, 2012).

*Communicatio*, do latim, não significa, por conseguinte, uma partilha mútua, compartilhamento de ideias por símbolos ou qualquer outro sentido que invoque essa ideia. Em sua origem, em realidade, na teoria retórica clássica, o termo designava um aspecto técnico, ou seja, um dispositivo por meio do qual um orador poderia assumir a voz hipotética do adversário ou público. Nesse aspecto, a concepção de diálogo entre Sujeitos distintos era menos autêntica do que a simulação do diálogo por um único falante. A ideia de *communicatio* como fazer parte, tornar comum, ainda assim se disseminou, provavelmente porque implica o princípio de fazer parte de um corpo social por meio da linguagem, por exemplo. Outras ideias também se disseminaram e se relacionam notadamente aos momentos históricos nos quais se desenvolveram. Não por acaso, a concepção de comunicação como transferência de algo, conexão, sinais, fica evidente a partir do invento do telégrafo, por exemplo. Enquanto os estudos se concentravam no âmbito das ciências exatas, estava claro que a chegada de um sinal tal como saiu da fonte representava sucesso comunicacional. Ocorre, no entanto, que não se pode falar em transferência ou ainda em adaptação de princípios ou conceitos. Seres humanos não são máquinas e, como tais, não respondem como elas.

Em grande medida, isso se deve também à assunção de que tudo (e todos, por extensão) é comunicação. Não por acaso, as pesquisas conduzidas no contexto da *Mass Media Research* foram também chamadas de pesquisas administrativas (Marcondes Filho, 2010; 2019). Ao longo do tempo, outras áreas também ofereceram suas contribuições e influências: a Linguística, a Sociologia, a Psicologia, a Matemática, a Engenharia. Para cada uma dessas áreas, a comunicação assume um conceito diferente e, como tal, também pressupõe um conjunto de técnicas que respaldam a pesquisa desenvolvida com tais conceitos.

As tentativas de um encaixe forçado levaram a um empobrecimento dos estudos em comunicação. Muitos estudos de recepção, por exemplo, ainda insistem em desconsiderar o Outro (Lévinas, 2005), focalizando a perspectiva de um receptor passivo quando, em verdade, já se sabe, há muito, que o receptor nunca foi passivo. A própria concepção de passividade sofreu transformações ao longo dos anos. Os critérios duros de pesquisa praticamente soterraram aquilo que a comunicação tinha (e tem)

de mais particular (o sentir, a percepção) em nome de um pseudocientificismo.

A Nova Teoria da Comunicação se coloca na vertente oposta dos métodos cartesianos de pesquisa. O metáforo, seu procedimento investigativo primeiro, opera pelos poros, um espaço, uma passagem que me permite visualizar o Acontecimento comunicacional, que, por sua vez, deixa-se ver. O pesquisador do metáforo não conta, portanto, com um método específico, o que não significa ausência de cientificidade. Sua busca não é o significado, mas sim o sentido, o sensível, que só é despertado diante de uma comunicação de ruptura. O Acontecimento, condição essencial para que isso ocorra, não tem um sentido, ele é o sentido, isto é, ao estudá-lo, estamos colocando em cena o acontecimento como um todo, no *momento em que* ocorre, independentemente de sua *duração*. Para compreender em profundidade é preciso regressar a dois princípios filosóficos nos quais se assenta a epistemologia metapórica, quais sejam a duração em Bergson e o instante em Bachelard, para, na sequência, ser possível explicitar a articulação entre eles no escopo da NTC.

## 2. A Nova Teoria da Comunicação (NTC)

A Nova Teoria da Comunicação (NTC) se desenvolveu com a proposta de libertar o pesquisador e, ao mesmo tempo, de expor uma nova dimensão do que vem a ser comunicação. No escopo da nova teoria, comunicar não deve se confundir com sinalizar ou informar. Tudo o que existe (pedras, seres humanos, animais etc.) emite sinais, ou seja, recebem-se e emitem-se sinais cotidianamente, ainda que não se queira. Alguns sinais podem ocorrer de forma deliberada, enquanto outros podem se dar de forma não intencional. Entretanto, como bem destaca Marcondes Filho (2013, p. 5-26), a emissão de um sinal não pressupõe, necessariamente, a recepção. A comunicação, por seu turno, pressupõe mudança qualitativa de um estado para outro. Isso significa que algo precisa mudar no ser para que se possa afirmar que ocorreu a comunicação. Comunicar é um fenômeno que, a despeito do que apregoa o senso comum, não acontece com tanta frequência, e tampouco pode ser reproduzido em laboratório. Por resgatar a importância do Outro (Lévinas, 2005), a NTC parte do ponto de vista de criar sentido, de gerar mudança, ruptura. O único ser que é capaz de perceber isso é aquele que vivenciou o fenômeno comunicacional. Comunicação, por essa óptica, é algo muito maior, livre de materialidade. Ela se estabelece, entre outros aspectos, na relação, e é por essa razão que o Outro recebe especial atenção por parte de Ciro

Marcondes Filho. Nem sempre a opção por acolher o Outro ocorre sem atrito. Mas é justamente a formação dessas ranhuras que vai possibilitar uma guinada, uma transição, um salto qualitativo. Marcondes Filho defende que a comunicação genuína deve romper algo internamente dentro do ser; aquilo que era de repente já não é mais. Essa transformação acontece de “um só golpe”, nas palavras do autor. Não é um fenômeno de racionalização, mas de intuição, de apreensão sensível.

Seguindo esse raciocínio e buscando permitir que a Comunicação – como ciência – alcance a maioridade, como diz Marcondes Filho (2014), é necessário entender que o específico da comunicação só é possível mediante a realização de um “acontecimento” capaz de realizar um corte, uma ruptura que, paradoxalmente, introduza vida na relação ao encaminhar uma mudança radical no que éramos e no que nos tornamos após essa “quebra”. Os acontecimentos são também únicos e implicam situações singulares que ensejam verdadeiros movimentos de liberdade. Quando a comunicação ocorre tem-se, portanto, um Acontecimento comunicacional, o ponto nodal da comunicação, a pulsação, linhas propagadoras de luz. Aqui, estamos tratando do sentido que se forma junto com o Acontecimento comunicacional. Este, por seu turno, é único e nenhum ser humano pode transferi-lo, pois apenas ele – sujeito que experiencia a comunicação, a vivência com a alteridade – é capaz de saber a amplitude da provocação que o acontecimento lhe causou. Uma vez iniciado, não há ponto de retorno, ou seja, uma vez experienciado o Acontecimento comunicacional, não há mais como voltar ao que era antes.

É importante destacar que o Acontecimento comunicacional não ocorre num espaço específico, numa determinação geográfica ou ainda “sob condições ideais de temperatura e pressão”. Ele é um fenômeno único, irrepetível. Em virtude de tais aspectos, Marcondes Filho defende que a comunicação está no entre, no durante (de onde o *Princípio da Razão Durante*). Conceitualmente, a *Razão Durante* corresponde ao “princípio segundo o qual o acontecimento comunicacional tem sua existência, seu efeito e sua força na fração de tempo exata de sua duração” (Marcondes Filho, 2010, p. 91). É importante deixar claro de que duração se está falando. Como é produto de uma série de forças, vetores, energias, vivências e situações, o Acontecimento comunicacional tem uma duração específica não determinável. Isso significa dizer que o acontecimento se dá no espaço entre os interlocutores e durante um período muito especial. Não se trata de algo domesticável e que possa ser parado, congelado para ser pesquisado, desmembrado.

### 3. A epistemologia metapórica

Diferentemente da pesquisa clássica ou tradicional, a pesquisa que assume a comunicação como um Acontecimento pressupõe a necessidade de “re-escrever” os caminhos e de revisitar os temas em função do novo contexto, mas, sobretudo, em função do momento. Assim, a ideia de métodos preestabelecidos e constantemente aplicados, facilmente reproduzíveis, não cabe na perspectiva da Nova Teoria da Comunicação. O “vivo” está justamente na ausência de um método fixo, definitivo, fechado, asséptico.

O método serviria para captar aquilo que os sentidos falseiam, ou seja, aquilo que é captado pelo sentido deve ser constantemente submetido à prova. De forma diametralmente oposta e assumindo a epistemologia metapórica (posto que o metáporo opera pelos poros, um espaço, uma passagem que permite visualizar o Acontecimento comunicacional, que, por sua vez, deixa-se ver), a Nova Teoria da Comunicação está assentada na perspectiva de que o pesquisador se torna a rede. Ele deixa de ser o sujeito que lança a rede e apenas observa para se tornar a própria rede. É importante destacar que o pesquisador que assume a Nova Teoria sente o que se passa ao seu redor e se coloca na cena do Acontecimento. Existe, na Nova Teoria, a valorização do sentir e do percebido. Se, por um lado, a acepção do metáporo possibilita pesquisas antes impossíveis sem essa visão, por outro, também impõe desafios a um objeto que não é controlado. O metáporo impõe a necessidade de acompanhar o movimento, o que nem sempre é confortável para pesquisadores que, por mais que se esforcem, ainda carregam a herança de uma ciência calcada em métodos rígidos. Trata-se, portanto, de uma rebeldia acadêmica necessária: libertar-se das amarras e perceber-se no mundo.

E de que forma o pesquisador consegue identificar que o fenômeno ocorreu ou está ocorrendo? É preciso estar aberto para a apreensão instantânea do fenômeno. Partindo das concepções filosóficas de Bergson, Marcondes Filho propõe que o pesquisador se debruce a observar os fenômenos por meio da intuição intelectual e da intuição sensível. O pesquisador não visa apreender, capturar ou dissecar algo. Ele busca vivenciar e sentir o fenômeno, buscando formas para transmitir o clima, a pulsação, a vibração experimentada. Cabe ao pesquisador localizar, perscrutar o fenômeno; a única necessidade aqui é a de sentir.

Essa necessidade repõe a importância da intuição intelectual, ou seja, “[...] fatos que antecedem e que sucedem a intuição sensível” (Marcondes Filho, 2010, p. 254). A intuição sensível é, portanto, o marco prioritário

na identificação do Acontecimento, da ruptura. A intuição intelectual, por sua vez, pode ocorrer antes ou após a intuição sensível, de acordo com o objeto em questão.

Enquanto a intuição sensível expressa justamente a totalidade do fenômeno, daquilo que é rebelde e não pode ser controlado ou reproduzido, a intuição intelectual revela o esforço do homem (e, neste caso, o pesquisador) em “civilizar” ou colocar em padrões compreensíveis para outros pesquisadores aquilo que ele observou, vivenciou. A tentativa de aprisionar o fenômeno para registro (audiovisual, estético etc.) implica, necessariamente, perdas. Um dos desafios do pesquisador está justamente em colocar-se no movimento do fenômeno sempre visualizando a redução das perdas. Esse movimento vai depender da temporalidade do Acontecimento comunicacional ou, para Marcondes Filho, a temporalidade metapórica.

*A esse movimento que vai do fim da exibição de um filme, da leitura de um livro, da audição de um poema, da visita a uma exposição, da conversa que tive com meu amigo, da palestra que assisti, da roda de discussão em que me envolvi, até a fixação mais ou menos marcante em minha mente, há um intervalo, que eu diria: é a temporalidade do acontecimento comunicacional. Nesse intervalo, ocorreu um processo, que, ao terminar, eu chamei de comunicação. É exatamente esse intervalo que me interessa (Marcondes Filho, 2016, p. 6).*

Acompanhando o raciocínio Marcondes Filho (2010, p. 254), essa temporalidade é “marcada pelos picos de êxtase” que podem ser perseguidos pelo pesquisador. Esses picos correspondem à intuição sensível e ao momento da virada, da ocorrência do fenômeno que justifica a afirmação de ocorrência da comunicação genuína, capaz de possibilitar a ruptura e a marca de algo que atravessa o Sujeito, que rompe, que violenta, que choca. A virada, a transformação que choca e violenta, pode acontecer nos primeiros instantes da relação, como no caso de uma emoção forte ou mesmo no cinema, e os efeitos serão sentidos em momentos posteriores. Nesse caso, a intuição intelectual se processa no depois, de modo que algo permanece ressoando no Sujeito, transformando-o após a exibição de uma obra cinematográfica, por exemplo. Mas, em situações educacionais, o sentido pode ser diferente: o pico intuitivo pode ocorrer após uma longa explicação do professor, por exemplo. Os audiovisuais, por exemplo, têm o potencial de possibilitar picos de êxtase tanto no início (como obra cinematográfica) quanto no final (como processo educativo) da relação.

### 3.1. A duração em Bergson

As contribuições de Henri Bergson (1974; 2010) podem ser iluminadoras para o desenvolvimento de uma outra forma de pensamento, que se distancia do cartesianismo e da tradição metódica. Um dos principais pontos da filosofia bergsoniana reside em oferecer uma visão mais ampla acerca da concepção de tempo em intrínseca relação com o conceito de duração. Para desenvolvê-lo, Bergson faz uma crítica da visão kantiana, que concebe o tempo segundo o mesmo modelo do espaço. A assunção de tempo como algo espacializado pressupõe uma forma de medida que resgata o princípio quantitativo de pontos que se sucedem em um eixo linear. Distante dessa visão, mas, ao mesmo tempo, usando-a como forma de estabelecer uma nova visão, Bergson explica que o tempo dos relógios (em que todas as horas, minutos e segundos são exatamente equivalentes) não é uma medida que possa ser usada para pensar os acontecimentos da consciência. Isso quer dizer que não importa a quantidade e sim a qualidade do que se vivencia, segundo um fluxo que não pode ser contado ou medido. A duração é, portanto, indivisível e imprevisível. Ela é, em si, um todo que acontece de um só golpe. Tentar fazê-la se encaixar em esquemas temporais clássicos é uma tarefa impossível. As experiências, sentimentos, acontecimentos que marcam o ser não se encaixam no tempo matemático. Ao contrário, cada evento tem uma nuance específica, uma duração que lhe é própria. Essa é a razão pela qual o tempo parece variar de acordo com as experiências que temos: ora parece passar muito rápido, ora parece simplesmente não passar.

Importa saber como o experimentamos e como a experiência dura, bem como quais estados de consciência ela engendra. Existir é, portanto, mudar constantemente. O movimento é justamente aquilo que nos confere vida no sentido lato do termo. Viver é embrenhar-se nas experiências que nos são colocadas como possíveis em todos os momentos por meio do impulso vital. Bergson (2010) explica que esse impulso é aquilo que viabiliza a vida como movimento, ou seja, o *elã* vital.

Segundo Bergson, a realidade é dupla: “*elã* e liberdade de um lado, matéria e necessidade de outro” (Vieillard-Baron, 2009, p. 35). A matéria se coloca como aquilo que se localiza no exterior, necessário, imóvel, calculado. A inteligência está, portanto, adequada a tais apreensões, pois é capaz de aperfeiçoar as técnicas, que, por sua vez, se voltam ao imóvel, ao mundo exterior, ao descontínuo, à matéria inorgânica. Cabe à inteligência, por exemplo, a construção de mecanismos e de instrumentos de medição e ação sobre a matéria (Sayegh, 1998). Intelecto, para Bergson, é o conhecimento de uma forma proveniente do mundo material. A percepção, captada pelo ser humano

por meio dos cinco sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar), é uma redução do mundo fenomênico. A percepção do espírito é, portanto, sempre reduzida. Quando um ser observa algo, entram em ação mecanismos de memórias e lembranças do passado. Nesse sentido, as sensações que este ser experimenta surgem, até certo ponto, qualificadas.

Ocorre, no entanto, que o interior, o móvel, o inesperado não podem ser alcançados segundo um mecanismo que não possui formas de apreender suas especificidades. Diferentemente de Hegel, Bergson propõe o conhecimento por meio da interioridade, num duplo movimento de sair de si e entrar em si ao mesmo tempo. A passagem da exterioridade para a interioridade só é possível mediante verdadeiro esforço intelectual. Não se trata, no entanto, de um pensar com afinco, como poderia sugerir o senso comum, mas da busca por transcender aquilo que está posto, pois “o esforço da invenção consiste em atravessar níveis de consciência diferentes” (Vieillard-Baron, 2009, p. 42). Tal atravessamento não se faz via inteligência, mas sim por meio de uma outra função do espírito, voltada especificamente para o vivo e para o móvel. A essa função Bergson chama intuição. Novamente, cabe aqui a explanação do sentido que Bergson atribui à intuição, que nada tem a ver com o senso comum. Muito distante de uma concepção esotérica ou de algo que a isto se assemelhe, a intuição é, na visão de Bergson, o esforço do espírito para se colocar na duração, para viver enquanto se vive. Tal movimento não ocorre sem atrito ou choque, pois “todo hábito do pensamento, enquanto hábito, se opõe à intuição” (Vieillard-Baron, 2009, p. 42).

A intuição, por seu turno, apresenta-se como uma visão imediata, sem intermediários ou mediadores. Trata-se da “visão direta do espírito pelo espírito” (p. 27), que reserva para a consciência, “mas consciência imediata, visão que quase não se distingue do objeto visto, conhecimento que é contato e mesmo coincidência. É também consciência alargada, pressionando a borda do inconsciente que cede e que resiste, que se desvenda e que se oculta [...]” (p. 120). Atenhamo-nos aqui à questão da coincidência. Tal como acontece no conto de Borges (1999), em que o mapa do império passa a ser inútil à medida que coincide pontualmente com ele, o ser não mais precisará de métodos (mapas) ou mesmo de esquemas analíticos que lhe possam explicar a realidade, na proporção em que ele mesmo se conhece por dentro, em sua interioridade.

Não se pode analisar algo que precisa ser sentido, pois “a análise opera sobre o imóvel, enquanto a intuição se coloca na mobilidade, ou, o que é a mesma coisa, na duração” (Bergson, 1974, p. 32). Os esquemas analíticos prévios são incapazes de expressar o fenômeno, pois sua riqueza está no novo e não na repetição. Analisar, para

Bergson, pressupõe fazer uma ligação do objeto com elementos que já são conhecidos (comparação com aquilo que meus olhos já viram, com o que minhas mãos já tocaram; em suma, com o universo já conhecido por mim; mas o objeto e os seres são constituídos por aspectos muito maiores que os conhecidos por mim). Analisar pressupõe a expressão de algo em função daquilo que ele não é. Destaca Bergson que “[...] o erro é acreditar que com estes esquemas recomporíamos o real. Nunca repetiríamos suficientemente: da intuição podemos passar à análise, mas não da análise à intuição” (1974, p. 32). Mas é apenas por meio da intuição que se pode tocar o imediato, sentir o instante e colocar-se efetivamente na duração para viver e superar a reprodução incansável dos mesmos passos ao longo de séculos de história da humanidade. Embora possam caminhar juntas, a intuição é capaz de transcender a inteligência. Ao conhecer por dentro, há naturalmente um movimento de simpatia, de empatia, de comprometimento para com o Outro.

Ao ensejar um movimento dilatador do espírito, a intuição ainda se depara com as dificuldades concernentes às limitações de compartilhamento das experiências vividas. A linguagem, nesse aspecto, é algo limitante e sempre ineficiente. Dessa forma, a intuição não renuncia aos conceitos e necessita deles para ser comunicada, mas isso não quer dizer que ela seja algo fixo. A comunicação da intuição coloca-se, portanto, como um desafio que precisa ser revisitado sempre. Sob essa perspectiva, o uso de metáforas surge como algo que possibilita – ainda que em parte – exprimir o inexprimível. A invocação de imagens, de modo geral, coloca-se como primordial, uma vez que “a comunicação da intuição tem necessidade de imagens para evitar toda a fixação rígida e indicar a direção na qual é preciso ir. A imagem é então uma orientação, imperfeita, mas ativa para a intuição” (Vieillard-Baron, 2009, p. 75). A imagem não será total, mas se coloca como um auxílio à compreensão do movimento intuitivo. Essa é a razão pela qual o próprio Bergson utiliza em seus escritos um grande número de metáforas para expressar a articulação de suas ideias.

### 3.2 O instante em Bachelard

Na esteira do rompimento com a lógica cartesiana que aprisiona o investigador da ciência em vez de ampliar seu olhar, interessa-nos, nesta pesquisa, destacar também as contribuições de Bachelard e a necessidade de um novo espírito científico que possa alcançar a complexidade dos fenômenos não apenas cotidianos, mas também transcendentais. Embora tenha sido influenciado diretamente pelas ideias bergsonianas, Bachelard desenvolve seu pensamento a partir de algumas críticas aos pressupostos de

Bergson. O exame das obras de Bachelard (1994; 1996; 2007; 2020) revela ainda que suas críticas foram também direcionadas a outros de seus contemporâneos, como Sigmund Freud e Sartre. No que se refere especificamente às críticas com relação a Bergson – nosso foco aqui –, é salutar destacar que Bachelard realiza um exame acurado da obra bergsoniana, num movimento que Pire (1967, p. 189) chega a denominar como “bergsonismo contra Bergson”, e apresenta, ao final, uma ampliação do pensamento do autor, elevando-o potencialmente em movimento. Em que pese a magnitude das obras aqui abordadas, ressaltaremos aspectos relacionados diretamente ao foco do estudo em tela, qual seja, a Comunicação sensível pela óptica da Nova Teoria da Comunicação (NTC). Não se trata, esclarecemos, de uma redução, e sim de desenvolver determinadas discussões que concernem mais diretamente ao estudo em questão ou, ainda, recorrendo às metáforas, trata-se de direcionarmos nossa lupa para determinados vestígios e rastros não apenas para saber suas medidas e composições, mas sim para experimentá-los.

Intrigante e sempre provocador, o pensamento bachelardiano parte de duas vertentes, quais sejam: epistemológica e poética. Suas produções transitam nesses dois polos e há algumas que se colocam justamente entre elas (caso, por exemplo, de *Psicanálise do fogo*, obra de 1938). Vertente epistemológica e vertente poética se colocam, portanto, como reflexos de um pensamento diurno (conhecimento objetivo) e noturno (conhecimento subjetivo), respectivamente. Não há, no entanto, oposição entre o diurno e o noturno. O que Bachelard faz é justamente revelar caminhos diferentes que são capazes de conduzir para o mesmo ponto final (cada qual à sua maneira). Não se trata, ainda, de pensar racionalidade e imaginação poética como instâncias complementares. A relação que se estabelece não seria essa.

Em realidade, o próprio Bachelard explica que ele as entende como instâncias concordatárias, no sentido de que apresentam pontos de vista distintos a respeito da complexidade do mundo (Canguilhem, 1979). Tais concepções se alinham ao pressuposto bachelardiano de que nenhuma filosofia tradicional tomada individualmente (empirismo, racionalismo, idealismo etc.) seria capaz de explicar as complexidades descortinadas pela física moderna. Ao se esforçar por compreender o que seria um novo espírito científico, Bachelard (1996) trabalha com a premissa inicial de superação de preconceitos e objetiva a ampliação do conhecimento por meio da inauguração de caminhos de investigação que se coloquem como fendas.

A abstração é elemento fulcral nessa dinâmica, posto ser ela que “[...] desobstrui o espírito, [que] ela o torna mais leve e mais dinâmico” (Bachelard, 1996, p. 8).

Caminhando na perspectiva da desobstrução do espírito, Bachelard (1996) não propõe um método específico com o qual o investigador deveria trabalhar. Logo no início de *A formação do espírito científico*, Bachelard (1996, p. 19) destaca uma citação de Bergson na qual o filósofo afirma: “Nosso espírito tem a tendência irresistível de considerar como mais clara a idéia que costuma utilizar com frequência”. O novo espírito científico, defendido por Bachelard, está voltado para aquilo que não se coloca de forma mais evidente, mas que, nem por isso, deixa de ser importante.

Tanto para Bachelard quanto para Bergson, é preciso mirar o desconhecido e nele mergulhar. Mas esse mergulho não ocorre da mesma maneira para os estudiosos. Em *A dialética da duração*, Bachelard (1994, p. 16) desloca a importância da intuição para o instante. Esse deslocamento resvala também para a compreensão de tempo em Bachelard. Entretanto, antes que a oposição entre ambos “[...] se apresente a partir do problema da duração, do instante ou mesmo do tempo, ela se estabelece primeiramente através do problema da descontinuidade” (Machado, 2017, p. 69). Em linhas gerais, e de forma bastante simplificada, isso significa que enquanto Bergson entende que a duração enseja movimento de salto qualitativo contínuo, Bachelard entende que o movimento tem fim e, portanto, é descontínuo. O ritmo que marca o fim e o conseqüente início de um novo movimento se coloca como a real descontinuidade. Não há, portanto, duração e sim instantes e, para Bachelard, é sobre esses instantes transformadores que a intuição deve incidir. Para desenvolver sua linha argumentativa, Bachelard (1996; 2007) ancora-se em Roupnel. Em sua concepção, Bergson está focado em uma filosofia da ação, enquanto o segundo focaliza uma filosofia do ato. Sobre esse aspecto, Marcondes Filho (2019, p. 80) entende que a “ação é um desdobramento contínuo situado entre a decisão e a meta; já o ato aparece como uma decisão instantânea, com toda a carga de originalidade”.

A descontinuidade é intrínseca e dela não há como fugir. É ela, aliás, a responsável por imprimir tensão, risco e, até certo ponto, também emoção à vida. Aqui falamos em emoção porque, em Bachelard, o instante é dramático, forte, vigoroso, transformador. É o instante que enseja a experiência existencial e nos permite a liberdade de sempre poder reiniciar o movimento (posto que ele não é contínuo). Colocar-se em risco, no entanto, não é algo confortável. Mas essa é uma escolha capaz de indicar os caminhos de uma investigação científica, pois “[...] é no eixo experiência-razão e no sentido da racionalização que se encontram ao mesmo tempo o risco e o êxito” (Bachelard, 1996, p. 22). Deve-se acrescentar ao risco também a necessidade de esforço, mas, neste caso, contra a natureza.

[...] o espírito científico deve formar-se contra a Natureza, contra o que é, em nós e fora de nós, o impulso e a informação da Natureza, contra o arrebatamento natural, contra o fato colorido e corriqueiro. O espírito científico deve formar-se enquanto se reforma (Bachelard, 1996, p. 29).

Lutar contra a natureza, em Bachelard (1996), é esforçar-se para ver além da experiência hodierna e vulgar por meio da razão, pois somente ela – a natureza – “dinamiza a pesquisa, porque é a única que sugere, para além da experiência comum (imediate e sedutora), a experiência científica (indireta e fecunda)” (Bachelard, 1996, p. 22).

#### 4. Considerações finais ou “A possibilidade da Comunicação entre a duração e o instante”

Embora pareçam tratar de questões totalmente antagônicas, é possível desenvolver uma espécie de conciliação entre os pontos de vista de Bergson e Bachelard. Este é, inclusive, o esforço empreendido tanto por Cariou (2008) quanto por Machado (2017). Dentre vários aspectos destacados, a questão da duração, em Bergson, é repleta de rupturas. Não se trata de uma via lisa, sem rugosidades ou desvios (Cariou, 2008). Para a autora, esses pontos de desvio ensinam já o embrião daquilo que Bachelard entenderá como instante.

Enquanto Cariou enxerga aspectos coincidentes nos filósofos, Machado destaca a distinção de formas de abordagem da investigação científica: ao passo que Bergson se volta para uma perspectiva dualista intuitivista (matéria-espírito) e destaca o método intuitivo como forma de ampliar o conhecimento, não há em Bachelard a definição de um método categórico, formalmente fixado. O que se verifica é, antes, “um estilo de pensamento, uma postura e uma disposição do espírito para conhecer a realidade por meio de uma atividade dialética” (Machado, 2017, p. 51). A postura de Bachelard, no entanto, não prescinde de rigor científico. O empreendimento intelectual realizado pelo autor em torno da compreensão da história da ciência se fez, justamente, para demonstrar a dinamização da razão. Como destaca Gattinara (2018, p. 20), esse é o fundamento, inclusive, da dialética em Bachelard.

Assumindo que foi precisamente a história da ciência que foi usada estrategicamente para minar as antigas teorias do conhecimento e dinamizar a razão, Bachelard foi realmente um grande inovador, pois ninguém como ele foi capaz de usar a história da ciência para não validar uma filosofia ou atestar uma epistemologia já consolidada (e normativa). Bachelard rompeu as correntes que vinculam a filosofia e a epistemologia a uma dada estrutura de

conhecimento (intelecto ou razão). Bachelard assume, portanto, que o conhecimento jamais poderá ser fixo e imóvel em sua organização interna (Rozestraten, 2020) e é justamente por isso que Bachelard usou o termo “dialética” em seu primeiro trabalho de 1927, o *Essai sur la connaissance approchée*: precisamente para indicar não apenas a dinâmica interna da razão em si (como em Fichte, Hegel etc.), mas também a forma de sua abertura e, provocativamente, sua desarticulação articulada. A provocação era de fato essencial não apenas para um estilo de pensamento que estava fora da caixa (fora de todo esquema), mas também porque pensar cientificamente (e provavelmente pensar de qualquer maneira) era sempre e inevitavelmente “pensar contra” (Gattinara, 2018, p. 20, tradução livre).

O desenvolvimento de uma pesquisa científica que almeje efetivamente conhecer (em detrimento de meramente reproduzir) se insere no escopo do “pensar contra” os métodos preestabelecidos e os conceitos preconcebidos sem abrir mão do rigor. Sobre essa questão, também Bergson destacou a necessidade de evitar tomar partido por quaisquer conceitos prontos, cabendo ao pesquisador, em vez disso, “buscar uma intuição única da qual descemos com igual propriedade para diversos conceitos, por nos termos colocado acima das divisões de escolas” (Bergson, 2006, p. 204).

O concreto é a expressão da prisão da matéria e das regras e de liberdade limitada. A mudança, o ponto de inflexão, para Bachelard, é o instante de um choque, de uma guinada, uma renovação que amplifica o Ser e o projeta para além dos limites anteriormente por ele conhecidos. Neste sentido, embora ainda se façam em base concreta, importa que se subletem as intensidades de vivências, ensejando tanto a duração bergsoniana quanto o instante bachelardiano. Como bem explica Marcondes Filho (2019, p. 82), “a diferença é que, para Bachelard, o instante atual é todo o fenômeno, ele encerra em si a unidade completa do movimento e aponta para o devir; para Bergson, o instante atual, essa ‘fotografia’, não está só, prende-se ao passado”.

No âmbito da NTC, Marcondes Filho (2019, p. 77) entende que Bachelard complementa Bergson, posto que o fenômeno da Comunicação pode se dar tanto por intermédio da duração quanto do instante. De acordo com o autor, são diferentes ocorrências dos picos de êxtase, são mecanismos distintos, mas igualmente marcantes. Não há, dessa maneira, uma relação de exclusão entre as perspectivas. Se, por um lado, o tempo só se observa pelos instantes (como afirma Bachelard), viabilizando que consigamos sentir a duração, por outro lado, é igualmente correto compreender que o instante só existe na duração,

durante o fenômeno, imbricado no movimento (tal como defende Bergson).

É possível que, por exemplo, algo só faça sentido para uma pessoa em um momento posterior ao início. Após decantar em seu interior (ensejando um movimento contínuo), o fenômeno irrompe e transforma o ser. Mas, como bem ressalta Marcondes Filho (2013; 2019), o pico de êxtase pode ocorrer no começo de uma experiência, “[...] e a comunicação se realizando nas repercussões que isso provoca em nossa alma” (2013, p. 61). *Isto posto, não há contradição entre as perspectivas apresentadas por Bergson e Bachelard. Marcondes Filho enxerga, inclusive, a possibilidade de uma relação entre as retas traçadas pelos filósofos*<sup>3</sup>.

O eixo de uma reta horizontal bergsoniana pode se cruzar com uma reta vertical de Bachelard. Enquanto Bachelard fala do momento da apreensão estética que deve ocorrer de um só golpe, de imediato, no instante feliz de sua provocação, de sua ação, Bergson fala de uma vivência densa, dotada de uma multiplicidade própria, carregada, em que a pessoa se coloca no ato, nesse interpenetrar-se de mudanças qualitativas que se fundem numa experiência única e irrepetível (Marcondes Filho, 2013, p. 61).

A visualização dessas possibilidades de ocorrência da intuição sensível é o que marca a temporalidade metapórica no escopo do *Princípio da Razão Durante*. A virada, o fenômeno, o pico de êxtase ocorrem e a diferença entre captá-los por meio da vertente bergsoniana e/ou bachelardiana “[...] está na extensão (horizontalidade), por um lado, e na marcação pontual (verticalidade), por outro” (Marcondes Filho, 2019, p. 81).

A epistemologia metapórica pressupõe que o procedimento de pesquisa leve em consideração os picos de êxtase e destaca ainda que esse mesmo procedimento pode se dar em três momentos em uma pesquisa: a) por meio do estabelecimento das condições para a ocorrência do Acontecimento comunicacional; b) no ato, durante a observação do Acontecimento comunicacional; ou ainda c) na apresentação das situações vivenciadas.

Para além desses momentos, o relato metapórico, ainda que seja trabalhado com a única intenção de descrever o fenômeno, pode ensejar a comunicação, posto que “[...] nada impede, no entre-cruzamento entre relatante e relatado, que a descrição da pesquisa crie, ela também, uma comunicação” (Marcondes Filho, 2010, p. 65). Isso significa que não há, portanto, limites ou condições específicas para que a comunicação ocorra. Não há, sequer, como prevê-la. Mas, por outro lado, para identificá-la, é

necessário abrir-se, colocar-se no movimento enquanto a ocorrência se dá, permitindo-se não apenas observar “de longe”, mas sentir efetivamente o que se coloca diante de si. Não é possível, portanto, pesquisar comunicação se não existir vivência, experiência e abertura ao Outro e nós mesmos.

## Referências

- BACHELARD, G. 1996. *O novo espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Tradução Estrela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro, Contraponto.
- BACHELARD, G.; COELHO, M. 1994. *Dialética da duração*. São Paulo, Ática.
- BACHELARD, G. 2007. *A intuição do instante*. Campinas, Verus.
- BERGSON, H. 1974. *Os pensadores*. São Paulo, Abril Cultural.
- BERGSON, H. et al. 1974. *Cartas, conferências e outros escritos*. São Paulo, Abril Cultural.
- BERGSON, H. 2010. *A evolução criadora*. Tradução: Adolfo Casais Monteiro. São Paulo, UNESP.
- BERGSON, H. 2006. *O pensamento e o movente*. Tradução: Bento Prado Neto. São Paulo, Martins Fontes.
- BORGES, J. L. 1999. Do rigor em ciência *In: Obras completas II (1952-1972)*. Lisboa, Círculo de Leitores.
- CANGUILHEM, G. 1979. *Sur une épistémologie concordataire*. Paris, [s.n].
- CARIOU, M. 2008. Continuidé ou discontinuidé: Un faux problème? *In: Frédéric WORMS; J-J WUNENBURGER (org.), Bachelard e Bergson: continuité et discontinuité?*. Paris, PUF, p. 3-24.
- GATTINARA, E. C. 2018. The Relationship between History and Epistemology in Georges Canguilhem and Gaston Bachelard. *Transversal: International Journal for the Historiography of Science*, 4:14-26.
- LEVINAS, E. 2005. *Entre Nós: ensaio sobre alteridade*. 2ª ed. Tradução: Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis, RJ, Vozes.
- MACHADO, F. S. 2017. *O tempo e a vida em Gaston Bachelard*. Goiânia, GO. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Universidade Federal de Goiás (UFG).
- MARCONDES FILHO, C. 2019. *A comunicação do sensível: acolher, vivenciar, fazer sentir*. São Paulo, ECA/USP. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/368/324/1332> Acesso em: 17 jan. 2022.
- MARCONDES FILHO, C. 2010. *Princípio da razão durante, vol. III, tomo 5: O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica*. São Paulo, Paulus.
- MARCONDES FILHO, C. 2013. *Nova teoria da comunicação, vol. I*. São Paulo, Paulus.
- MARCONDES FILHO, C. 2016. Sobre o tempo de incubação na vivência comunicacional. *In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, 07 a 10 de junho de 2016*. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/textocomautor\\_3350.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/textocomautor_3350.pdf). Acesso em: 20 abr. 2021.

3 O trecho em itálico refere-se às anotações de orientações ocorridas entre o supervisor da pesquisa de pós-doutoramento (Prof. Dr. Ciro Marcondes Filho) e a autora do presente texto.

- MARCONDES FILHO, C. 2018. *Comunicação do sensível: acolher, vivenciar, fazer sentir*. São Paulo, edição do autor. (Apostila de aula distribuída pelo autor).
- MARCONDES FILHO, C. 2014. *O rosto e a máquina: O fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico-Nova Teoria da Comunicação*. São Paulo, Editora Paulus.
- PETERS, J. D. 2012. *Speaking into the Air: A History of the Idea of Communication*. Chicago, University of Chicago Press (Kindle Edition).
- PIRE, F. 1967. *De l'imagination poétique dans l'oeuvre de Gaston Bachelard*. Paris, José Corti.
- ROZESTRATEN, A. S. 2020. Considerações sobre “A Formação do Espírito Científico” para o século XXI. *Oculum Ensaios*, 17:1-19. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/4692/3060> Acesso em: 17 jan. 2022.
- SAYEGH, A. 1998. *Bergson – O método intuitivo: uma abordagem positiva do espírito*. São Paulo, Editora Humanitas.
- VIEILLARD-BARON, J-L. 2009. *Compreender BERGSON*. Tradução Mariana de Almeida Campos. 2ª ed. Petrópolis, RJ, Vozes.

Artigo submetido em 30-04-2021  
Aceito em 20-10-2021